



Canudos, Tomóchic e as trajetórias intelectuais Heriberto Frías e Manuel Benício no México e No Brasil

Ival de Assis Cripa¹
Pós-Doutor em História pela PUC-SP
Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp
Mestre em História Social pela USP
Professor das Faculdades de Comunicação social e Direito do Centro Universitário UNIFIEO/Osasco/SP
ivaldeassis@yahoo.com.br

Resumo: A exposição aborda a trajetória de dois jornalistas e literatos que atuaram como correspondentes de Guerra: o brasileiro Manuel Benício, que realizou a cobertura jornalística para o Jornal do Comércio sobre a Guerra de Canudos no Brasil e o mexicano Heriberto Frías, que publicou um romance de “Folhetim” sobre a Guerra de Tomóchic, ocorrida no México em 1892, para o jornal “El Demócrata”, um jornal de oposição ao regime de Porfírio Díaz. A partir da análise dos artigos de jornal e das obras literárias de Frías e Benício, vamos refletir sobre o embaralhamento entre o jornalismo e a literatura e compreender as estratégias originais de sobrevivência, no caso de Frías, e acomodação, no caso de Benício, visando enfrentar o verdadeiro exílio intelectual que padeceram em seus próprios países.

Palavras chave: Tomóchic, Canudos, imprensa, literatura, América Latina

Abstract: The article addresses the trajectory of two journalists and literary scholars who worked as war correspondents: Brazilian Manuel Benício, who conducted news coverage about the War of Canudos in Brazil for the “Jornal do Comércio” and Mexican Heriberto Frías, who published a serialized novel about the Tomóchic War, which occurred in Mexico in 1892. This novel was published in the newspaper “El Demócrata”, which opposed the Porfirio Díaz. By analyzing newspaper articles and literary works by Frías and Benício, we are going to reflect on how journalism and literature mingle and to understand the original strategies to survive, in the case of Frías, and accommodation, in the case of Benício, in order to face the real intellectual exile inflicted on them in their own countries.

Keywords: Tomóchic, Canudos, press, literature, Latin America

¹ Esse artigo é resultado da pesquisa intitulada *Imprensa, Literatura e História na América Latina e no Caribe: Manuel Benício, Heriberto Frías e as Guerras de Canudos e Tomóchic*, realizada durante o estágio de pós-doutorado no Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL), do Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Supervisão Dra. Vera Lúcia Vieira. Esse artigo está em processo de avaliação na Revista Projeto História da PUC-SP.

Heriberto Frías: “cronista dos excluídos”

Vamos abordar a trajetória de dois jornalistas e literatos que atuaram como correspondentes de Guerra: o brasileiro Manuel Benício, que realizou a cobertura jornalística para o Jornal do Comércio sobre a Guerra de Canudos no Brasil e o mexicano Heriberto Frías, que publicou um romance de “Folhetim” sobre a Guerra de Tomóchic, ocorrida no México em 1892, no jornal “El Demócrata”, que era um jornal de oposição ao regime de Porfírio Díaz. Pretende-se refletir sobre o posicionamento político de dois intelectuais, que por criticarem a ação dos exércitos do Brasil e do México, contra os sertanejos de Canudos e os camponeses indígenas de Tomóchic, foram perseguidos e excluídos dos círculos intelectuais hegemônicos nos dois países. A partir da análise dos artigos de jornal e das obras literárias de Frías e Benício, vamos refletir sobre o embaralhamento entre jornalismo, literatura e compreender as estratégias originais de sobrevivência no caso de Frías e acomodação, no caso de Benício, visando enfrentar o verdadeiro exílio intelectual que padeceram em seus próprios países.

Heriberto Frías teve uma vida conturbada, viveu a orfandade, a miséria, a prisão, uma saúde frágil, se insurgiu contra a disciplina imposta pelo colégio militar, entrou em conflito com o exército, serviu durante a guerra de Tomóchic, fez oposição à ditadura de Porfírio Díaz. Morreu cego e enfermo aos 55 anos de idade, em 12 de novembro de 1925. Heriberto Frías perdeu o pai ainda adolescente e foi obrigado a ganhar a vida nas ruas da cidade do México, trabalhando como entregador de jornais (VELEZ, 2008). Esse trabalho facilitou-lhe o acesso a livros, revistas, periódicos. Como lia à noite sob a luz de velas ou gás, isso complicou mais ainda seus problemas de visão.

A vida nas ruas a partir dos 14 anos contribuiu também com o alcoolismo precoce. No texto autobiográfico intitulado “El Poetastro de los Pericos”, publicado no jornal “El Demócrata”, em 12 de julho de 1895, Heriberto Frías narra os motivos que o levaram à prisão, quando trabalhava como cobrador em uma casa comercial, “manejando repentinamente con sus manos de dama gruesos paquetes de pesos, mugrientos billetes y libranzs com enormes signos de valores en los márgenes –miles y miles de pesos.”. Por roubar cinco pesos, ficou preso oito meses na *carcel de Belém*. (FRÍAS, 2008, p.121)

As ruas e a prisão proporcionaram a Heriberto Frías o conhecimento direto da vida dos miseráveis e condenados e também desenvolveu sua vocação de cronista dos excluídos. (VELEZ, 2008, p.20)

Heriberto Frías foi funcionário de um teatro e entrou na escola militar em 1887. Por comportar-se como um “rebelde” contra a disciplina militar e por ser um estudante “mal aplicado”, era castigado com

frequência. Não resta dúvida que ele converteu uma boa parte de suas experiências incertas de sua vida em literatura (VELEZ, 2008, p.21).

Heriberto Frías retornou à prisão quase dez anos depois, por razões políticas, ao ser acusado de difamar o exército. Após servir na campanha do exército contra os camponeses rebelados de Tomóchic, Heriberto Frías publicou um romance de folhetim no jornal “El Demócrata”, que era um jornal de oposição ao regime de Díaz. Na obra “Tomóchic”, Frías produziu uma narrativa no meio do caminho entre o romance sobre um soldado que se apaixona por uma camponesa e uma reportagem que testemunha o nível de resistência dos camponeses que derrotaram o exército em três expedições, na fronteira entre o México e os EUA.

O regime de Porfírio Díaz controlava a imprensa ou pelo patrocínio, ou pela via legal, aplicando a censura e perseguindo opositores como Heriberto Frías. Tanto que os “delitos de imprensa”, após estabelecida a lei de imprensa, em 1868, eram julgados por jurados especiais: “ a aplicação da lei da mordaza teve como consequência o fechamento de jornais e perseguições constantes contra periodistas, prisão e exílio. (PEDROZA, 2011, P.50).

Por criticar o exército e testemunhar o nível de resistência dos tomochitecos, Heriberto Frías foi para a prisão. Realizou, então, na condição de “cronista do cárcere”, a crítica da ditadura instituída por Porfírio Díaz. Sua proposta, ao publicar o romance sob o pseudônimo de “Barreta”, era apresentar aos leitores uma versão testemunhal do conflito entre os camponeses mestiços do Estado de Chihuahua, haja vista que a imprensa oficial não havia noticiado o conflito e quando abordou o tema, noticiou apenas os feitos do exército e omitiu os fatos sobre as derrotas sofridas pelo exército que, semelhante a Canudos, foi derrotado em duas expedições seguidas.

O Conselho de Guerra, que o enviou mais uma vez à prisão, agora uma prisão militar foi seu batismo literário. Heriberto Frías optou por fazer sua própria defesa e foi absolvido, haja vista que o tribunal militar não encontrou provas que atestassem que ele era autor do romance de Folhetim publicado em “El Democrata”. Por ordem expressa de Porfírio Díaz, o exército obrigou Frías a dar baixa, perdendo sua patente. Nesse período, Frías sofreu o ostracismo e a miséria, pois os grupos de intelectuais que concentravam as principais oportunidades se fecharam ao ex-oficial Frías, que viveu praticamente a experiência do exílio em seu próprio país (VELEZ, 2008, p.25).

Se diante do tribunal Frías negou a autoria de “Tomóchic”, em 1899, quando foi publicada a terceira edição da obra, seu nome aparece como autor principal da novela. Havia escrito a novela já longe

do campo de batalha, como Manuel Benício que redigiu os artigos denunciando os erros do exército brasileiro em Canudos longe do campo de batalha, temendo ser punido pelo exército pelo teor de suas reportagens.

O regime de Díaz reuniu em torno de si intelectuais de prestígio, que por suas intervenções de apoio ao governo na imprensa, conquistaram um status social e um reconhecimento que os autorizava galgar funções públicas (PEDROZA, 2001, p.55). Se o regime dividia os intelectuais entre desempregados potenciais, “inúteis”, boêmios e rebeldes por um lado, e os “privilegiados” que tinham acesso aos empregos reservados à elite como recompensa por sua lealdade, Heriberto Frías não estava entre os “fiéis” ao Estado, mas entre os considerados ‘rebeldes’ e “inúteis”.

Manuel Benício: A Crítica da Atuação do Exército Em Canudos e a dissimulação como estratégia de sobrevivência

Segundo Silvia Maria Azevedo, em 1897 nenhum jornal brasileiro de destaque deixou de enviar o seu correspondente para o sertão baiano, para cobrir a ação do exército contra os seguidores de Antônio Conselheiro. Os seguintes jornais tinham a seus serviços correspondentes em Canudos: “O Estado de São Paulo”, “A Gazeta de Notícias”, “A Notícia” e o “Jornal do Comércio”, Euclides da Cunha foi enviado pelo jornal “O Estado de São Paulo” e Manuel Benício pelo “Jornal do Comércio”. Ambos foram enviados ao longínquo sertão de Canudos para informar seus leitores sobre o que se passava. Euclides da Cunha e Manuel Benício foram enviados em missão de Guerra, o primeiro era tenente reformado e o segundo era capitão honorário do exército. Eram enviados especiais e especializados, afirma Walnice Nogueira Galvão (1977). Todavia, apesar da formação que os aproximava, o sentido do que escreveram sobre Canudos era bem diverso.

Enquanto Euclides da Cunha permaneceu quase todo mês de agosto colhendo informações sobre a região, Manuel Benício foi enviado para o campo de batalha, “Enquanto Euclides teve o privilégio de ir para Canudos integrando a comitiva do ministro da Guerra, o Marechal Carlos Machado Bittencourt, Benício chega ao local do conflito como simples enviado do Jornal do Comércio” (AZEVEDO, 2003, p.14). Euclides da Cunha somente explicitou suas críticas quanto às táticas equivocadas do Exército no sertão baiano bem mais tarde, quando a tensão sobre a Guerra de Canudos havia baixado e o arraial já havia sido rendido pelo exército. Manuel Benício não esperou pela rendição de Canudos para denunciar, em suas reportagens, a inabilidade dos altos comandantes, na luta contra os sertanejos.

Já na primeira carta, enviada por Benício de Canudos ao *Jornal do Comércio* em 4 de julho de 1897, ele denuncia o ataque fracassado de 27 de junho ao Arraial de Canudos, trazendo à público os desastrosos de Artur Oscar (AZEVEDO, 2003, p.14).

Na carta escrita no dia 4 de Julho e publicada no dia 3 de Agosto de 1897, no *Jornal do Comércio*, Benício responsabiliza o General Artur Oscar pelo fracasso da terceira expedição e pela morte de centenas de soldados: “Foi por isto que não tomamos nós, da segunda coluna, Canudos em 28 de Junho de 1897, foi por isto: para salvar a Coluna Artur Oscar de morrer toda ela sangrada dentro de uma toca como ovelha no aprisco”².

Todavia, no seu livro “O Rei dos Jagunços”, Manuel Benício sequer faz referência ao General Artur Oscar, provavelmente para atenuar as críticas que havia feito ao General na cobertura jornalística para o “*Jornal do Comércio*”, quando responsabilizou-o pela derrota da terceira expedição, em função dos erros no comando de sua Coluna e pelo capricho de querer ser o primeiro a entrar no arraial de Canudos

Manuel Benício procurou, ao editar seu livro sobre Canudos, assumir um tom mais complacente para com a atuação do exército e legitimar de certa forma a violência do Estado modernizador, ou a “barbárie da civilização” na direção oposta de Euclides da Cunha, que da cobertura jornalística até a edição de “Os Sertões”, assumiu como se sabe, uma perspectiva crítica com relação à violência do processo de modernização capitalista do Brasil, nas últimas décadas do século XIX. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência adotada por Benício que, ao omitir as informações sobre os erros do exército que levaram a derrota da segunda expedição, evitou entrar em conflito com o exército.

Durante a realização da cobertura do conflito, a condição de capitão honorário permitiu que Benício ultrapassasse a função de correspondente de guerra e participasse do conflito quase como um soldado. Essa condição era um privilégio para um repórter, mas exigia que ele enfrentasse os perigos que os combatentes enfrentavam, tais como a tarefa de reunir os cadáveres dos soldados para enterrá-los, ou ver a morte de perto quando acompanhava a tropa nos ataques aos jagunços: “Daí que a proximidade da guerra e o risco da própria vida instauram, na correspondência de Benício, uma visão de perto e de dentro de Canudos que funciona como garantia da veracidade do que está sendo relatado nas reportagens” (AZEVEDO, 2003, p.15).

² BENÍCIO, Manuel. Carta Publicada em 3 de agosto de 1897 pelo *Jornal do Comércio*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, op cit, p. 242-43.

Consciente do interesse dos leitores sobre essas cenas de batalha, ele não poupa detalhes para que o leitor consiga ter uma visualização perfeita dos combates entre soldados e jagunços. Suas cartas são narrativas na perspectiva de quem atuou como soldado na Guerra de Canudos. O leitor, por sua vez, como cúmplice do relato, diz Azevedo (2003, p.16), vive a ilusão de que, através de seus textos, tomou parte na luta. Seus quadros são compostos para comover e causar impacto nos leitores e as cenas de guerra são exemplares nesse sentido. Benício explora as situações prosaicas (AZEVEDO, 2003, p. 16), como a carência de suprimentos e de munições, a sujeira do acampamento, a situação desesperadora dos soldados feridos, a precariedade das instalações hospitalares e a falta de medicamentos. (AZEVEDO, 2003, p.16).

Benício ressalta a perícia guerreira, a resistência física e a familiaridade com a caatinga, que o ajuda a compor o retrato físico e psicológico do jagunço. A perspicácia fica registrada nos “causos” que ele relata (AZEVEDO, 2003, p. 17). Manuel Benício foi obrigado a fugir de Canudos, pois estava doente e foi impedido de exercer as funções de correspondente de Guerra, após denunciar o General Artur Oscar, exibindo a relação de mortos e feridos em suas cartas. Os dados apresentados por Benício contrastavam com as notas oficiais dos exércitos sobre as baixas em Canudos.

Benício teve sua correspondência censurada pelos altos comandantes e temendo por sua vida teve que sair do arraial. Segundo Alvim Horcades, se Benício não tivesse saído três horas antes do que pretendia fazer, um capanga contratado teria ido chicoteá-lo e talvez transformá-lo “em nada pelas mentiras que tinha dito” (AZEVEDO, 2003, p. 18).

Jornalismo, Literatura e História na obra de Heriberto Frías e Manoel Benício

A trajetória de Heriberto Frías e o processo de elaboração da novela Tomóchic possui elementos que mais se assemelham à ficção: certo dia, afirma González, Heriberto Frías leu um artigo de jornal com informações que ele considerava falso. Indignado, Frías enviou sua versão sobre a ação do exército, criticando o mesmo e o governo. Sua versão sobre os fatos vou publicada sob pseudônimo como um romance de folhetim no jornal El Democrata, o que despertou a ira dos meios militares e do governo de Porfírio Díaz (GONZÁLEZ, 2006, p. 237).

Em resposta os editores do jornal foram presos e o periódico foi fechado. Como as autoridades suspeitavam que o autor era Heriberto Frías, apesar do anonimato, rapidamente Frías também foi encarcerado. Como era militar, Frías poderia ser condenado ao pelotão de fusilamento, mas sua amante

que conseguiu esconder dos militares uma carta aos editores do Jornal El Demócrata assinada por ele e um outro amigo de Frías e editor do jornal, o pintor Joaquin Clausell, conseguiu entrar na redação já fechada pela política e destruir os manuscritos originais de Tomóchic, que eram incriminatórios, pois foram redigidos com papel timbrado com marca d'água do 9º. Batalhão, ao qual Frías pertencia, redigidos com sua letra e assinados por ele (GONZÁLEZ, 2006, p. 238).

A novela de Frías contou com uma excelente recepção nos meios literários mexicanos, haja vista que, entre outras coisas, a mesma foi concebida a partir de **La Débâcle** de Zola, que havia contado com uma excelente recepção nos meios literários mexicanos. Isso deve, em certa medida, à identificação entre o contexto social, político e cultural mexicano e francês após a queda de Napoleão III e de Maximiliano. Na América Latina, diz o historiador argentino José Luis Romero, as novas burguesias queriam se livrar do “ar colonial” das metrópoles latino-americanas e demolir o velho para dar lugar ao novo e o novo modelo urbanístico de Paris implementado por Napoleão III era uma influência decisiva. Para jornalistas e escritores latino-americanos e mexicanos, os métodos de composição de Zola eram, também, uma referência importante nesse contexto. (ROMERO, 2004, p.310).

Segundo Nicolau Sevchenko, o fim do Segundo Império de Napoleão III, (concomitante à Queda de Maximiliano), bem como o processo de transformações ocorrido a partir da modernização capitalista, no contexto de 1870 na Europa, ampliou de forma impressionante as atividades intelectuais no mundo todo e aumentou o comércio de edições e o público literário em escala mundial (SEVCENKO, 2003, pp. 101-102).

Segundo José Luis Romero, sob a influência de Comte e Spencer, formaram-se no seio das novas burguesias latino-americanas, grupos de autênticos intelectuais, de escritores e de artistas, o que expressa a intensidade do processo de mudanças na região. Entre as classes médias surgiu um novo tipo de homem de letras, visto sempre nos cafés e tertúlias literárias, nas exposições artísticas e estréias de peças de teatro, inaugurando uma atividade cultural mais “militante” e menos acadêmica, afirma Romero (ROMERO, 2003, p.324).

A divisão cada vez mais complexa do trabalho, as novas condições da vida nos centros urbanos, o crescimento das viagens e uma certa mobilidade social e geográfica, que foram consequências da modernização capitalista no continente, conspiraram para criar uma escrita breve e direta, atual e imediata, afirma Gerald Martin. As burguesias latino-americanas haviam criado os grandes jornais, como o *La Nación* em Buenos Aires, *La Época* em Santiago, ou o *La Opinión Nacional* em Caracas, que

veiculavam as principais notícias sobre os meios sociais e culturais elegantes da Europa durante a *Belle Époque* para os novos ricos (MARTIN, 2001, p.512).

Segundo Ángel Rama, outro traço, característico da produção literária de Zola e seus “discípulos” no México e Brasil (Frías e Benício), é a “forte tendência ao documentarismo, às formas da reportagem quase direta, em carne viva, à literatura testemunhal e à autobiografia.” (RAMA, 2001, p.105) A tendência ao “documentarismo” na literatura, gerou condições para a produção de uma literatura comprometida com a reconstituição histórica dos acontecimentos, mas quem nem por isso permite que nos esqueçamos que trata-se de narrativa literárias, ou construções ficcionais sobre a realidade.

Diante da aparente “confusão” entre a reportagem e a literatura afiliada ao naturalismo e os métodos de composição de Zola, gostaria de explorar um pouco mais esse embaralhamento entre essas linguagens e os procedimentos da pesquisa histórica, que também pressupõem documentar, narrar e reconstituir os acontecimentos, sem contudo confundir o trabalho do historiador com o do literato ou do jornalista, mas entender as relações de proximidade e de distanciamento entre essas linguagens.

Na obra de Frías e na obra de Benício, a escrita literária se aproxima da linguagem jornalística, com seu afã de capturar, com velocidade mecânica, a “fiel reprodução da vida” pelas imagens obtidas pela fotografia e pelo cinema, registrando a aceleração do tempo. Tais tendências, afirma Flora Süssekind, se acentuaram na década de 80 do século XIX, marcando um confronto mimético entre a forma literária e os artefatos técnicos modernos.

Se o campo literário começou a despontar na Europa, graças ao desenvolvimento do mercado editorial e à educação da população, na América Latina a literatura dependia do jornalismo para existir e no México, mais especificamente, a influencia do jornalismo sobre a novela foi mais significativa que em outros países latino-americanos (PEDROZA, 2011, p. 38).

Os periódicos foram se tornando parte ativa no processo de transformações pelo qual passava a sociedade mexicana no final do século XIX e se antes as notícias sobre a Europa demoravam meses na América, agora a comunicação se tornava mais rápida. A publicidade também ocupou um espaço importante na imprensa.

Os literatos agora eram obrigados a se adaptarem ao processo de produção da notícia e encontraram na crônica o espaço em que era possível informar o público e divulgar sua literatura (PEDROZA, 2011, p.39).

A literatura do final do século XIX passava a depender da imprensa para a sua distribuição. Convertidos em “repórteres”, os literatos foram obrigados a escrever na urgência e aceitar um salário pouco elevado. Tiveram que se conformar com o fato de que sua atividade agora passava a integrar o mercado.

Tratava-se de produzir uma mercadoria que tomava a informação como um objeto privilegiado. Todavia, ainda que devamos considerar as críticas dos escritores a esse processo de adaptação do texto literário à linguagem jornalística, “O periódico representou uma das possibilidades de modernização literária, ainda que demarca-se também os seus limites” (PEDROZA, 2011, p.410).

No Brasil, diz Flora Suüssenkind, o campo literário, que até então existia como ‘uma criação ‘à sombra do rei’, passou a se profissionalizar via imprensa e publicidade. A literatura deixava de ser ofício ‘artesanal’, sem uma difusão muito ampla, contando apenas com as pequenas tiragens de livros e passava a ser produzida ‘em série’, para ser distribuída na imprensa (SÜSSEKIND, 1987, p.90). Numa narrativa literária em que cabe exhibir transitoriedades, guerras, epidemias, raças, amores e religiões que passam, é crescente a importância da imagem técnica e crucial nas novas formas de percepção. Tanto que, o arraial de Canudos, após a sua destruição, o cadáver de Antonio Conselheiro foi desenterrado cuidadosamente para que se pudesse fotografá-lo (SÜSSEKIND, 1987, p.107).

Literatos e jornalistas como Euclides da Cunha, Manuel Benício e Heriberto Frías, por trabalharem diariamente na imprensa, passam a escrever a partir de uma percepção fragmentária do tempo, em que o que vale é captar o transitório (SÜSSEKIND, 1987, p.99).

Ainda que os objetivos da novela histórica sejam opostos aos objetivos do periodismo, haja vista que a ficção visa organizar fatos em um conjunto esteticamente coerente e o periodismo visa comunicar fatos verificáveis, em um determinado momento histórico, apesar das diferenças entre os métodos de composição da ficção e do jornalismo, ambos os gêneros se cruzam (GONZÁLEZ, 2006, p.230).

Na América Espanhola, porém, outros motivos também propiciaram essa mimese mútua entre periodismo e ficção narrativa: trata-se de uma estratégia para burlar a censura, transferindo segundo González, as informações de um discurso mais “regulamentado”, o jornalismo, para um discurso menos regulamentado: a ficção. Era uma maneira de burlar a censura e a repressão, tanto do Estado como da Igreja, que acreditavam ter o monopólio da verdade.

Segundo Jesus Martin-Barbero, o “Folhetim” é tipicamente um gênero de fronteira entre a literatura e o periodismo. Em um primeiro nível, diz Martin-Barbero, cabe chamar a atenção para a disposição tipográfica dos romances de Folhetim com letras grandes e espacejadas para um público em que a leitura é um esforço maior que para outros leitores, pois os primeiros não desfrutavam de condições de iluminação adequadas durante o dia ou à noite. Tais características são bastante visíveis nos capítulos de “Tomóchic” publicados por Heriberto Frías em “El Democrata”. Para um público pouco habituado à leitura, afirma Martin-Barbero, um outro dispositivo importante para chamar sua atenção são os dispositivos de fragmentação da leitura. Segundo Martin-Barbero, “ (...) boa parte do sucesso ‘massivo’ do folhetim residia aí: numa fragmentação do texto escrito que incorporava os cortes ‘produzidos’ por uma leitura não especializada como é a leitura popular (MARTIN-BARBERO, 2013, p.186).

Uma outra característica importante na estrutura narrativa do romance de folhetim é o suspense, buscado ao final de cada capítulo para manter o interesse e a curiosidade do leitor. O Folhetim, diz Martin-Barbero, quebrando as leis da textualidade, faz da própria escritura um espaço de decolagem de uma narração popular, de um *contar a*. Trata-se de uma narração que já não é um conto, mas tampouco chega a ser um romance, ou de uma escritura “que não é literária nem jornalística, e sim a ‘confusão’ das duas: a da atualidade da ficção”. Entre a notícia e o folhetim há mais de uma corrente subterrânea que virá à tona e que configura a imprensa “sensacionalista” ou “popular”, diferenciada da imprensa “séria”. (MARTIN-BARBERO, 2013, p.188) Tais elementos permitem que o leitor popular se identifique com o mundo narrado. Como nos contos, o desenrolar da narrativa acompanha basicamente o percurso das aventuras do herói.

Heriberto Frías, ao utilizar os mecanismos de composição do romance de folhetim para criar uma narrativa popular, estabelece uma identificação direta com o público leitor de “El Democrata” com os segmentos médios e populares que foram excluídos social e politicamente pelo regime de Porfírio Díaz.

Por outro lado, sua escritura cifrada, no meio caminho entre a ficção e o jornalismo, a publicação de um romance de folhetim com uma história de amor entre um soldado do exército e uma camponesa oriunda do povoado rebelado de Tomóchic não chamou inicialmente a atenção da censura. Todos os capítulos da novela “Tomóchic” publicada em “El Democrata”, vinham sempre acompanhados do seguinte comentário: “Redación escrita por testigo presencial”³.

³ Ver, por exemplo, artigo da novela “Tomóchic” do dia 16/3/1893 em El Democrata.

Na manchete de do dia 28/3, logo após a publicação da narrativa sobre a derrota da segunda expedição militar contra Tomóchic no dia 25/3 de 1893, o jornal estampou no dia 28/3/1893 uma manchete sobre “Las Persecuciones a El Democrata y La Prensa independiente”⁴.

Se o projeto da ficção naturalista era realizar uma análise “científica” da realidade social, por outro lado o jornalismo investigativo estava motivado “por um sentido de indignación moral muy poco científico, y hacía uso, además, de técnicas abiertamente literárias (como el melodrama) para conmovier a sus lectores” (GONZALEZ, 2006, p. 236).

O embaralhamento entre o jornalismo e a ficção narrativa gera um sentimento de ambiguidade, colocando em prática uma estratégia de dissimulação em que ocorrem um deslizamento entre discursos científicos, jornalísticos e literários, produzindo essa sensação de ambiguidade. Trata-se de uma estratégia de dissimulação, que alterna na novela “Tomóchic”, por exemplo, passagens abertamente melodramáticas e líricas, com jargões clínicos, ou oriundos da medicina e da biologia e expressões sensacionalistas da imprensa amarela ou vermelha (GONZALEZ, 2006, p. 237).

Por criticarem a ação do exército na fronteira entre o México e os EUA e nos sertões do Brasil, Frías e Benício sofreram pressões do meio militar. Consta nos autos do inquérito contra os redatores de “El Demócrata”, entre eles Heriberto Frías, que Joaquin Clausell assumiu a autoria dos artigos sobre a rebelião de Tomóchic, assinados com o pseudônimo de “Barreta” e que eram na verdade de autoria de Heriberto Frías. (GANTUS, 2009) Com essa atitude, Clausell livrara Frías da corte marcial e do pelotão de fuzilamento, mas teve que fugir para os EUA, abandonando a redação de “El Demócrata”.

Para concluir, é preciso dizer que é difícil definir o processo de elaboração da Novela “Tomóchic” e “O Rei dos Jagunços” a partir de uma ideologia fixa. Se por um lado a influência de Zola é explícita nas duas novelas, por outro, na medida em que Heriberto Frías incluiu uma trama amorosa entre o personagem Miguel Mercado, subtenente do exército mexicano e a camponesa Julia, que pertencia ao povoado rebelado de Tomóchic, sua novela pode ser lida como uma obra naturalista com fortes inflexões modernistas, para usar um expressão de Aníbal González. O livro de Manuel Benício sobre Canudos buscou realizar uma reconstituição histórica dos acontecimentos e ao mesmo tempo produzir uma narrativa sobre os costumes dos sertanejos e sobre a Guerra de Canudos.

⁴ Infelizmente a nota publicada no dia 28 de março de 1893 sobre as perseguições à imprensa independente e ao “El Democrata” estão ilegíveis no microfilme fotocopiado na Hemeroteca da Cidade do México.

Manifesta-se, na escrita de Heriberto Frías, uma tensão entre a denúncia das condições degradantes de vida das populações mestiças e indígenas e a exaltação do eu, haja vista que uma outra leitura do romance permite perceber como o personagem Miguel Mercado, que pode ser considerado um alter-ego do próprio Heriberto Frías, narra sua iniciação na literatura, cujo “pano de fundo” é o massacre das populações indígenas e mestiças. Já na obra de Manuel Benício, de modo diferente, tratava-se de produzir uma narrativa “objetiva” e romanceada sobre a atuação do exército e sobre o nível de resistência dos serntanjos liderados por Antonio Conselheiro.

Estamos de acordo com György Lukács e suas críticas ao método de observação e descrição do romance naturalista, com seu projeto de “tornar científica a literatura”, transformando-a em “ciência” (LUKÁCS, 2010, p. 178).

Todavia, seria importante relativizar as críticas de Lukács ao romance naturalista, em especial à obra Zola. Segundo Salete de Almeida Cara, no ciclo Rougon-Macquart, Zola denunciou os limites do projeto burguês do Segundo Império na França, “dando em miséria no campo, especulação e atividade industrial e, ao mesmo tempo, em enriquecimento, corrupção e pobreza”. Marx e Zola, diz Salete Cara, “fizeram da experiência do presente o eixo de sua produção” e “partilham um campo onde confluem a literatura, o ensaio e a história.” Tanto que é possível observar uma “imaginação historicamente situada como algo necessário tanto ao ficcionista Zola, como ao ensaísta Marx, “que não se furtam em apreender a negatividade inscrita na matéria que observam, comentam, analisam e representam” (CARA, 2009, p. 11).

Não era o objetivo de Zola realizar uma leitura ficcional de base marxista da história que lhe era contemporânea. Todavia, a prosa de Zola possui traços em comum com a prosa ensaística de Marx, haja vista que a saga de “Les Rougon-Macquart”, finalizada em 1893 por Zola, é uma exposição ficcional da formação da hegemonia capitalista na sociedade francesa.

Do outro lado do Atlântico, no México e no Brasil, um traço característico da produção dos “discípulos” de Zola é a “forte tendência ao documentarismo, às formas da reportagem quase direta, em carne viva, à literatura testemunhal e à autobiografia” (RAMA, 2001, p.105).

A tendência ao “documentarismo” na literatura gerou condições para a produção de uma literatura comprometida com a reconstituição histórica dos acontecimentos, mas que nem por isso permite que nos esqueçamos que se tratam de narrativas literárias ou construções ficcionais sobre a realidade e não de interpretações de historiadores sobre o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras 1996.

CARA, Salete de Almeida. **Zola, Marx e a Prosa Realista**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.

BENOÎT, Denis, DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Bauru/SP: EDUSC, 200

FRÍAS, Heriberto. “Tomóchic, Episodios de Canpaña, relación por testigo presencial.” EN: “El Demócrata”, 5/4/1893.

FRÍAS, Heriberto. **Tomóchic, Episodios de Campana, Relación por un Testigo presencial**, “El Demócrata”, 28 de Marzo de 1893.

FRÍAS, Heriberto. **El Poetastro de los Pericos. Cronista del Pueblo**. IN: **La Escritura Enjuiciada**; selec y estudio preliminar de Georgina García Gutierrez – México, FCE, Fundación de Letras Mexicanas, Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 2008.

GANTUS, Fausta e Florencia Gutierrez. **Liberalismo e Antiporfirismo. Las Incursiones Periodísticas de Joaquin Clausell. Relaciones 118**, Primavera 2009. Volume XXX.

GONZÁLEZ, Aníbal. **Periodismo Y Novela Em Hispanoamerica: La Ley del Disimulo em Amália de José Mármol Y Tomóchic de Heriberto Frías**. IN: **Revista Iberoamericana**, Vol. LXXII, núm. 214, Enero-Marzo 2006.

HALE, Charles A. **As idéias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930**. IN: **História da América Latina, volume IV: de 1870 a 1930**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2000.

PEDROZA, Claudia López. **La crónica de finales del siglo XIX em México. Un matrimonio entre literatura y periodismo**. IN: **REVISTA DEL COLEGIO DE SAN LUIS, Nueva Época, año I, número 2, julio a diciembre d 2011**.

MARTIN, Geral, **A Literatura, a Música e a Arte da América Latina, 1870-1930**. IN **História da América Latina, volume IV: de 1870 a 1930/** organização Leslie Bethell, São Paulo: EDUSP/IMPRESA OFICIAL DO ESTADO, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

RAMA, Angel. **ANGEL RAMA, Literatura e Cultura na América Latina/** organização Flávio Aguiar & Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: EDUSP, 2001.

Romero, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2004.

ROMERO, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2004.



Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras, Literatura, Técnica e modernização no Brasil.** São Paulo: CIA das Letras, 1987.

TOPETE LARA, Hilário.

VÉLEZ, Georgina García Gutierrez. **Em Busca de Un Autor Perdido, Una Vida de Novela: la Novela de Una Vida.** IN: FRÍAS, Heriberto. **La Escritura Enjuiciada;** selec y estudio preliminar de Georgina García Gutierrez – México, FCE, Fundación de Letras Mexicanas, Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 2008.